



**Periódico Técnico e Científico Cidades Verdes**

*Technical and Scientific Journal Green Cities*

ISSN 2317-8604 Suporte Online / Online Support

Edição em Português e Inglês / Edition in Portuguese and English - Vol. 13, N. 46, 2025

## **Contratempos Urbanos: São Paulo, cidade parqueada**

**Milena Montebello**

Mestranda, FAU-Mackenzie, Brasil  
milenamontebello@gmail.com

**Igor Guatelli**

Professor Pós Doutor, FAU-Mackenzie, Brasil  
igorguatelli@gmail.com  
Orcid: 0000-0002-3937-8073



### Contratempos Urbanos: São Paulo cidade parqueada

#### RESUMO

**Objetivo** – Explorar uma abordagem crítico-perceptiva do centro histórico de São Paulo a partir de uma improvável abordagem relacional crítica e intertextual com o Parc de La Villette, de Bernard Tschumi. Pretende-se investigar como uma estratégia disjuntiva estruturada a partir de pontos, linhas e superfícies pode servir como controverso operador conceitual de análise para se imaginar, fabular hipóteses de um insólito “parqueamento urbano”.

**Metodologia** - Ensaio crítico-ensaístico e conceitual construído a partir da montagem de um improvável diálogo comparativo entre situações aparentemente sem relação. O estudo adota a lógica de estruturação projetual do Parc de La Villette como gramática conceitual, transposta, por analogia, ao centro paulistano. A análise se organiza em três movimentos: (1) isolamento dos operadores pontos, linhas e superfícies na proposta de Tschumi para o parque; (2) transposição analógica ao contexto do centro de São Paulo; (3) elaboração interpretativa de possibilidades de parqueamento urbano a partir de um esgarçamento ao limite dos sentidos do real.

**Originalidade/relevância** - O artigo propõe uma leitura intertextual, evocativa e fabulatória, em que o Parc de La Villette deixa de ser entendido como modelo formal para ser tomado como linguagem ensaístico-conceitual. Insere-se no debate acadêmico sobre cidade contemporânea pela ideia de intertextualidade e a reinterpretação do espaço público como um palimpsesto aberto, resultado do acúmulo de tempos passados e de camadas futuras ligadas ao seu “florestamento”.

**Resultados** - Identificação e problematização de um território – centro histórico de São Paulo – percebido criticamente a partir de pontos, linhas e superfícies como resquícios e rastros de diferentes tempos urbanos, revelando sua condição de conjunto de fragmentos, associações e dissociações de estruturas heteróclitas. Esses elementos são lidos como potências improváveis do possível para a hipótese de um centro “parqueado”, aberto a reinscrições críticas, sobreposições temporais e coexistências entre o construído e outras naturezas.

**Contribuições teóricas/metodológicas** – Evidenciação de como operadores projetuais provenientes de outras áreas, usados transversalmente, podem ser utilizados como instrumentos de leitura crítica de contextos urbanos complexos, abrindo caminho para a construção de estranhas aproximações, analogias que articulam teoria, projeto e crítica urbana.

**Contribuições sociais e ambientais** - Ampliação do debate sobre regeneração e ressignificação de espaços centrais por meio de modalidades pouco evidentes de parqueamento, do espaço público e da memória urbana, sugerindo inusuais caminhos interpretativos para políticas e projetos que considerem a cidade como campo de experimentação crítica e não apenas funcional.

**PALAVRAS-CHAVE:** Intertextualidade. Parqueamento. Operadores Conceituais.

### Urban Setbacks: São Paulo as a parked city

#### ABSTRACT

**Objective** – To explore a critical-perceptive approach to the historic center of São Paulo based on an unlikely critical and intertextual relational approach with Bernard Tschumi's Parc de La Villette. The aim is to investigate how a disjunctive strategy structured by points, lines, and surfaces can serve as a controversial conceptual operator for analyzing and imagining, fabulating hypotheses of an unusual "urban parking."

**Methodology** – Critical-essayistic and conceptual essay built upon the montage of an unlikely comparative dialogue between seemingly unrelated situations. The study adopts the projective structuring logic of Parc de La Villette as a conceptual grammar, transposed by analogy to the São Paulo center. The analysis is organized into three movements: (1) isolation of the operators points, lines, and surfaces in Tschumi's proposal for the park; (2) analogical transposition to the context of São Paulo's center; (3) interpretive elaboration of possibilities for urban parking through a stretching of the limits of the senses of the real.

**Originality/Relevance** – The article proposes an intertextual, evocative, and fabulatory reading, in which the Parc de La Villette ceases to be understood as a formal model to be taken as an essayistic-conceptual language. It inserts itself into the academic debate on the contemporary city through the idea of intertextuality and the reinterpretation of



public space as an open palimpsest, resulting from the accumulation of past temporalities and future layers linked to its “forestation.”

**Results** – Identification and problematization of a territory—the historic center of São Paulo—critically perceived through points, lines, and surfaces as remnants and traces of different urban temporalities, revealing its condition as a set of fragments, associations, and dissociations of heteroclite structures. These elements are read as unlikely potentialities of the possible for the hypothesis of a “parked” center, open to critical reinscriptions, temporal superpositions, and coexistences between the built environment and other natures.

**Theoretical/Methodological Contributions** – Evidence of how projective operators from other areas, used transversally, can serve as instruments for critical reading of complex urban contexts, paving the way for the construction of strange approximations and analogies that articulate theory, design, and urban critique.

**Social and Environmental Contributions** – Expansion of the debate on the regeneration and re-signification of central spaces through less evident modalities of parking, of public space and urban memory, suggesting unusual interpretive paths for policies and projects that consider the city as a field of critical experimentation rather than merely functional.

**KEYWORDS:** Intertextuality. Parking. Conceptual Operators.

### Contratiempos Urbanos: São Paulo ciudad parqueada

#### RESUMEN

**Objetivo** – Explorar un enfoque crítico-perceptivo del centro histórico de São Paulo a partir de un improbable abordaje relacional crítico e intertextual con el Parc de La Villette, de Bernard Tschumi. Se pretende investigar cómo una estrategia disyuntiva estructurada a partir de puntos, líneas y superficies puede servir como controvertido operador conceptual de análisis para imaginar y fabular hipótesis de un insólito “parqueamiento urbano”.

**Metodología** – Ensayo crítico-ensayístico y conceptual construido a partir del montaje de un improbable diálogo comparativo entre situaciones aparentemente sin relación. El estudio adopta la lógica de estructuración proyectual del Parc de La Villette como gramática conceptual, transpuesta, por analogía, al centro paulistano. El análisis se organiza en tres movimientos: (1) aislamiento de los operadores puntos, líneas y superficies en la propuesta de Tschumi para el parque; (2) transposición analógica al contexto del centro de São Paulo; (3) elaboración interpretativa de posibilidades de parqueamiento urbano a partir de un estiramiento hasta el límite de los sentidos de lo real.

**Originalidad/Relevancia** – El artículo propone una lectura intertextual, evocativa y fabuladora, en la que el Parc de La Villette deja de ser entendido como modelo formal para ser tomado como lenguaje ensayístico-conceptual. Se inserta en el debate académico sobre ciudad contemporánea por la idea de intertextualidad y la reinterpretación del espacio público como un palimpsesto abierto, resultado de la acumulación de tiempos pasados y de capas futuras ligadas a su “forestación”.

**Resultados** – Identificación y problematización de un territorio – el centro histórico de São Paulo – percibido críticamente a partir de puntos, líneas y superficies como vestigios y rastros de distintos tiempos urbanos, revelando su condición de conjunto de fragmentos, asociaciones y disociaciones de estructuras heteroclitas. Estos elementos son leídos como improbables potencias de lo posible para la hipótesis de un centro “parqueado”, abierto a reinscripciones críticas, superposiciones temporales y coexistencias entre lo construido y otras naturalezas.

**Contribuciones Teóricas/Metodológicas** – Evidenciación de cómo operadores proyectuales provenientes de otras áreas, usados transversalmente, pueden ser utilizados como instrumentos de lectura crítica de contextos urbanos complejos, abriendo camino para la construcción de extrañas aproximaciones y analogías que articulan teoría, proyecto y crítica urbana.

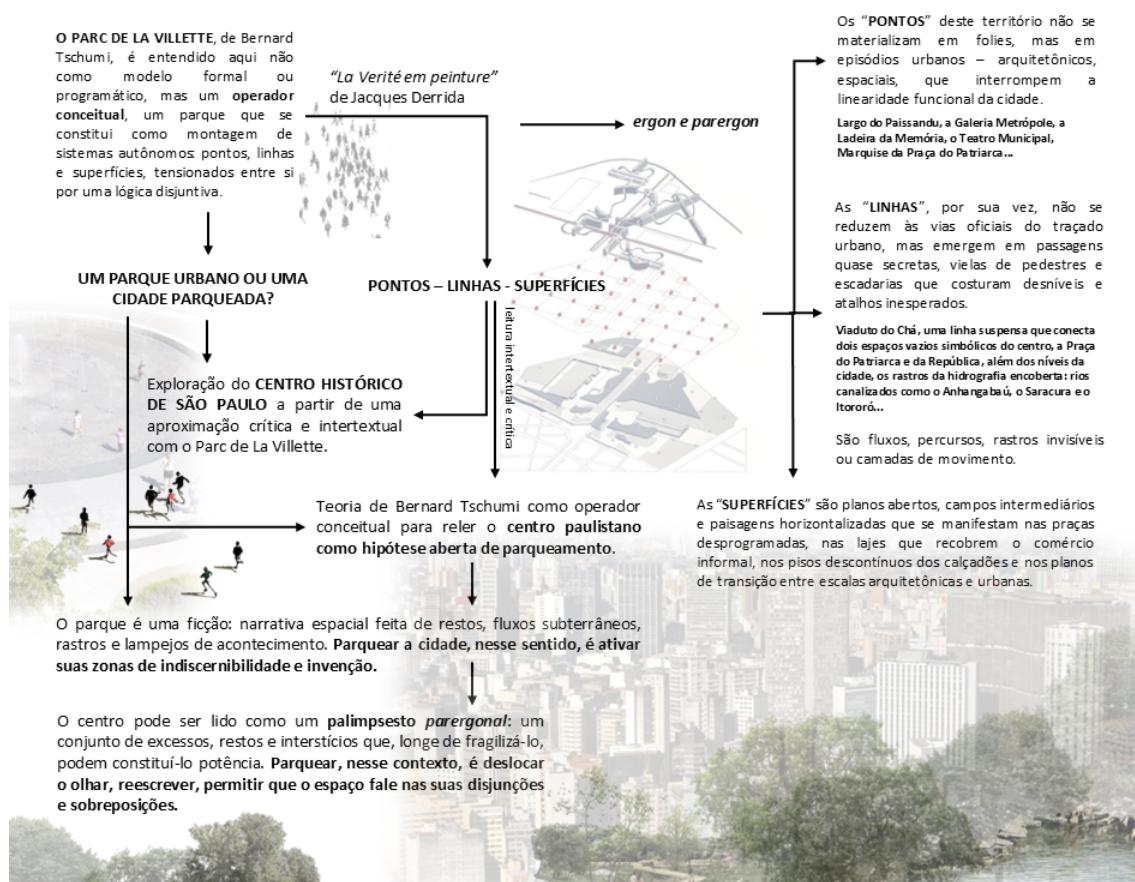
**Contribuciones Sociales y Ambientales** – Ampliación del debate sobre regeneración y resignificación de espacios centrales por medio de modalidades poco evidentes de parqueamiento, del espacio público y de la memoria urbana, sugiriendo inusuales caminos interpretativos para políticas y proyectos que consideren la ciudad como campo de experimentación crítica y no apenas funcional.

**PALABRAS CLAVE:** Intertextualidad. Parqueamiento. Operadores Conceptuales.



### RESUMO GRÁFICO

#### CONTRATEMPOS URBANOS: SÃO PAULO CIDADE PARQUEADA





### 1 INTRODUÇÃO

O Parc de La Villette, projetado por Bernard Tschumi, é entendido aqui não como modelo formal ou programático, mas um operador conceitual, um parque que se constitui como montagem de sistemas autônomos: pontos, linhas e superfícies, tensionados entre si por uma lógica disjuntiva. Mais do que ordenar, esse conjunto projeta o espaço urbano como campo de acontecimentos. Essa lógica projetual permite deslocar o olhar sobre o centro de São Paulo, não na busca por equivalências morfológicas, mas como estratégia crítica: uma gramática projetual transposta por analogia poética e metodológica.

E se a reprodução da natureza em um perímetro preciso na cidade não fosse mais a simples busca de idealização de um outro mundo dentro da cidade, um mundo como da “hortus conclusus” das épocas clássica e romântica, vista como exercício de auto-alienação de inspiração idílica? E se essa forjada natureza não fosse mais apenas o lugar de um mundo contemplativo, resultado de um mundo mecânico que constrói simulações naturais? E se a natureza não fosse mais apenas inspiração e suporte para monumentos arquitetônicos? E se, inversamente, a natureza chegasse ao limite de ser um “simulacro” de si-mesma deliberadamente desnaturalizando a percepção a fim de construir uma outra representação de cidade? Uma cidade onde contemplação, produção, circulação coexistem. Enfim, e se a natureza simulada na cidade não fosse mais apenas a antagonista de um protagonista, a cidade? (Guatelli, 2017)

O parque articula uma paisagem marcada por equipamentos culturais e de lazer, como museus, auditórios e pavilhões, que se entrelaçam a pequenas edificações de serviços e comércio, compondo uma escala intermediária entre o metropolitano e o local. A ausência de barreiras à circulação favorece a coexistência de fluxos múltiplos: moradores, visitantes, trabalhadores, passantes de diferentes origens, conectados por metrô, estacionamentos subterrâneos, praças, jardins e até um canal d’água integrado ao sistema urbano. Nesse entrelaçamento, surgem gramados, passeios verdes e espaços desprogramados que questionam: trata-se de um parque urbano ou de uma cidade parqueada?

### 2 OBJETIVOS

Este artigo tem como objetivo explorar o centro histórico de São Paulo a partir do desafio de uma improvável aproximação crítica relacional e intertextual com o Parc de La Villette, projetado por Bernard Tschumi. Busca-se compreender de que modo a lógica disjuntiva do parque, estruturada em pontos, linhas e superfícies, pode servir como operador conceitual para reler, repensar e redescobrir o centro paulistano, não como tipologia fechada, mas como hipótese aberta de um inusual processo de parqueamento.

Pretende-se, assim, investigar as potências latentes de espaços urbanos marcados por sobreposições temporais, apagamentos simbólicos e fluxos descontínuos, de modo a propor uma leitura em que o verde e o espaço público emergem como dispositivos de reinscrição crítica da cidade. Mais do que propor diretrizes projetuais, o trabalho se coloca como um exercício



interpretativo, em que o objetivo é fabular possibilidades de parqueamento urbano, valorizando as preexistências, os rastros e as ruínas como matéria ativa de reinvenção do centro.

### 3 MÉTODO DE ANÁLISE

O método de análise adotado neste artigo se ancora em uma operação teórica e crítica de caráter comparativo e intertextual. Parte-se da lógica projetual do Parc de La Villette, estruturada por Bernard Tschumi em sistemas autônomos de pontos, linhas e superfícies, como uma gramática conceitual que fabula uma leitura do centro histórico de São Paulo.

A análise se constrói por analogia, em chave ensaística, deslocando os princípios disjuntivos de La Villette para a realidade paulistana, sem pretensão de equivalência formal, mas interpretativa, a partir de uma abordagem do espaço urbano como palimpsesto, campo de sobreposições temporais, rastros e apagamentos.

O arquivo é um dispositivo de trabalho, uma obra em andamento. Uma vez disponibilizado para a escrita de um texto, torna-se um arquivo, sem dúvida, mas não um arquivo morto, pois pode ser redistribuído para outros fins. Por outro lado, o arquivo, mesmo que contenha muitos elementos, não os contém todos, na medida em que é composto por amostras exploratórias, fragmentos que estimulam o pensamento, e não pensamentos já desenvolvidos ou verdadeiramente "reunidos" para formar uma constelação coerente, uma ideia filosófica que possa ocupar seu lugar em um céu noturno escuro (DIDI-HUBERMAN, p.16, 2023, *tradução nossa*).

Tanto o Parc de La Villette como centro histórico de São Paulo são arquivos que, combinados, aproximados, são reabertos, redispostos a fim de servirem de fonte à construção da argumentação central. Assim, articulado em três movimentos principais, o artigo parte de (1) um isolamento conceitual dos operadores (pontos, linhas e superfícies) na obra de Tschumi, (2) transposição relacional desses operadores para o centro histórico de São Paulo, tomando-os como lentes críticas e da (3) elaboração interpretativa de “parqueamento urbano”, em que o verde, o vazio e o espaço público são compreendidos como dispositivos de reinscrição crítica da cidade.

[...] um dispositivo para reler ou conectar tempos passados, ele existe apenas com o objetivo de trazer à tona, no presente da obra, um tempo inesperado, destinado a ocorrer no futuro: o de um novo pensamento (DIDI-HUBERMAN, p.16, 2023, *tradução nossa*).

Ensaia-se um modelo quase que replicável, uma instauração de procedimento aberto, onde a análise se posiciona como fabulação teórica capaz de revelar potências latentes e propor uma outra forma de pensar a cidade. Um pensamento que se entrega a pensar o impensável para construir uma hipótese não dada a priori.



### 4 RESULTADOS

Em “*La Verité em peinture*”, obra de Jacques Derrida é apresentado o conceito de *Parergon* a partir do *Parerga* de Kant, elucidado na Crítica do Juízo. “Se o *ergon* é a substância, o principal, a ‘obra’, o *parergon* seria tudo aquilo que está fora-da-obra, além-da-obra, mas que, de alguma maneira se associa ao *ergon*” (Guatelli, 2017). Assim, o que excede o *ergon* e se une como suplemento, seriam *parergons*.

O La Villette é o parque da aceitação da cidade (talvez, das “várias” cidades de Paris, ao fazer referência aos vários tempos da vida urbana; dos jardins desenhados e repletos de entretenimentos às exposições universais tecnológicas do fim do século XIX e início do século XX, como o lugar do *socius*, o único lugar do processo civilizatório, com seus conflitos, tensões, miscigenações étnico-raciais, um exercício de urbes (Guatelli, 2017).

Muitos dos edifícios do Parc de La Villette, outrora destinados a funções industriais, como o antigo matadouro de Paris, foram reconvertidos em equipamentos culturais, científicos e de lazer. O gesto não foi o de apagar, mas de reativar, fazendo da memória material uma infraestrutura viva para o presente. Essa lógica de reabilitação confere ao parque uma condição paradoxal: rastro e invenção, herança e projeto.

La Villette é o espelho da metrópole atual, uma paisagem de fragmentos, evidentes dissociações espaço-temporais, trabalhadas em oposição, costuradas por linhas de mobilidade em vários níveis. Seu chão desdobra-se em níveis sobrepostos multivetoriais, que, como a cidade, costuram e interrompem a paisagem (Guatelli, 2017).

Em um possível paralelo entre a estrutura do parque e o centro de São Paulo, observa-se um palimpsesto urbano denso e inacabado, onde pontos, linhas e superfícies são resquícios, rastros, potências latentes de outros tempos. Conforme Tschumi, “[...] a arquitetura só existe através do mundo em que se situa. Se este mundo implica dissociação e destrói a unidade, a arquitetura inevitavelmente refletirá esses fenômenos” (TSCHUMI, 1994, p.176, *tradução nossa*).

Os “pontos” deste território não se materializam em *folies*, mas em episódios urbanos – arquitetônicos, espaciais, que interrompem a linearidade funcional da cidade, dentre tantos: o Largo do Paissandu, a Galeria Metrópole, a Ladeira da Memória, o Teatro Municipal com sua escadaria, a marquise da Praça do Patriarca, ambos lugares de permanências e encontros circunstanciais. São acontecimentos localizados no espaço, intensidades programáticas, históricas ou simbólicas.

Ao caminhar por esse centro, o olhar se depara com as camadas de tempos que se acumulam sem se apagar: o traçado colonial que ainda ecoa em ruas estreitas que resistem em meio à escala metropolitana, a verticalização do século XX convivendo com galerias modernistas que se abrem como passagens labirínticas, as praças ora desertas, ora tomadas por



manifestações coletivas, becos invisíveis durante o dia que à noite se tornam cena de sociabilidades múltiplas. Cada fragmento parece operar como vestígio de um desenho interrompido, em que fluxos, usos e memórias se sobrepõem de maneira instável. O centro, nesse sentido, não é continuidade, mas justaposição de presenças que se dissolvem e ressurgem em ritmos descontínuos. Talvez seja justamente nessa condição de inacabamento e de ruído que resida seu potencial e improvável probabilidade de parqueamento e verdejamento: um espaço aberto a leituras, fabulações e reinvenções.

A abordagem por trás de La Villette sugere ‘pontos de encontro’, pontos de ancoragem onde fragmentos de realidade deslocada podem ser apreendidos. Nessa situação, a formação da dissociação requer que um suporte seja estruturado como um ponto de remontagem (TSCHUMI, 1994, p. 178, *tradução nossa*).

As “linhas”, por sua vez, não se reduzem às vias oficiais do traçado urbano, mas emergem em passagens quase secretas, vielas de pedestres e escadarias que costuram desníveis e atalhos inesperados, como o Viaduto do Chá, uma linha suspensa que conecta dois espaços vazios simbólicos do centro, a Praça do Patriarca e a Praça da República, além dos níveis da cidade, até os rastros da hidrografia encoberta: rios canalizados como o Anhangabaú, o Saracura e o Itororó, cujos percursos subterrâneos ainda moldam a topografia, a drenagem e, simbolicamente, a memória da cidade. Como no La Villette, em que a sobreposição entre rotas aéreas, percursos cinematográficos e trilhas visuais constitui uma *flânerie* descontínua, as linhas do centro de São Paulo também operam como substrato de uma mobilidade difusa, física, temporal e simbólica.

São fluxos, percursos, rastros invisíveis ou camadas de movimento, linhas de espera que se formam diante dos teatros, igrejas ou paradas de ônibus, linhas de trajetórias afetivas traçadas por quem diariamente atravessa o centro em busca de trabalho, cultura ou abrigo. Há também as linhas do transporte público, subterrâneas, como o metrô que perfura o solo, e aéreas, como os fios dos bondes que um dia cortaram o horizonte das avenidas, todas quase que compondo uma trama de mobilidade e memória.

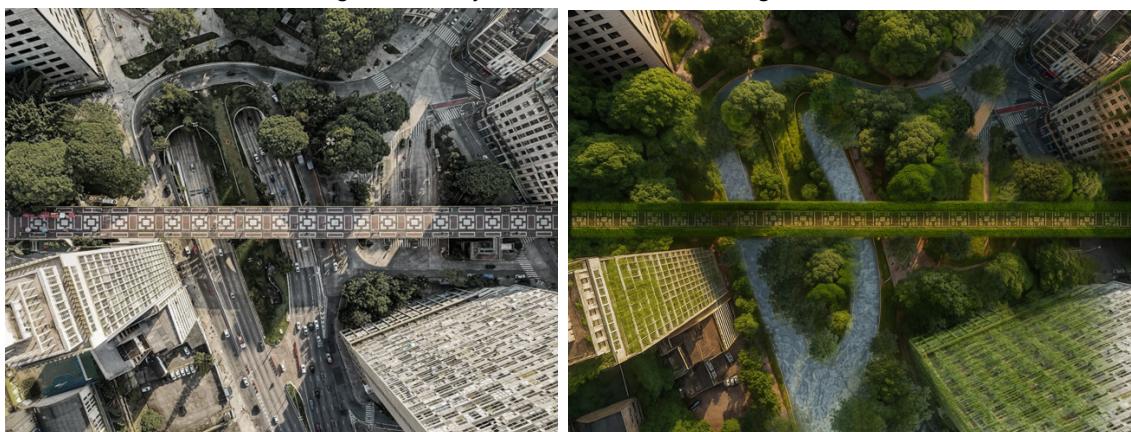
O centro de São Paulo, nesse sentido, é atravessado por linhas múltiplas e heterogêneas. Funcionam como uma rede de intensidades que se sobrepõem: linhas de água soterrada, linhas de deslocamento cotidiano, linhas de resistência cultural, linhas de fuga e de desejo. Tal como no parque projetado por Tschumi, são linhas que não servem apenas à orientação, mas que produzem sentidos, ritmos e desvios.

Já as “superfícies”, são planos abertos, campos intermediários e paisagens horizontalizadas que se manifestam nas praças desprogramadas, nas lajes que recobrem o comércio informal, nos pisos descontínuos dos calçadões e nos planos de transição entre escalas arquitetônicas e urbanas. São espaços onde o cotidiano se dá como acontecimento improvisado, frequentemente fora do alcance do planejamento institucional. No centro paulistano, as



superfícies eventualmente entrevem-se no Vale do Anhangabaú, com sua extensão que se converte em palco de manifestações e em vazio silencioso, na Praça da Sé, quase saturada de fluxos, mas desprovida de centralidade vivida. Quando convertidas em espaço de permanência, as lajes suspensas do Minhocão, ou até mesmo os amplos e planos pavimentados dos calçadões do Triângulo Histórico, que funcionam como campo de atravessamento e de encontro, mesmo que sem programa definido.

Figura 1 –Verdejamento do Viaduto Santa Efigênia.



Fonte: Fotomontagem autoral de Milena Montebello (2025).

Se, no Parc de La Villette, as superfícies se revelam ora como praças secas, como a Fonte dos Leões, à entrada do *Parc de La Villette*, ora como gramados abertos, como o plano verde da *Cité de la Musique*, no centro de São Paulo essa oscilação também se dá entre cheios e vazios: da Praça da República, onde o verde se contrapõe ao chão dos fluxos comerciais, à Praça Ramos de Azevedo, que se inclina como um jardim em declive, oferecendo um passeio tortuoso que poderia ser lido como um eco do percurso cinematográfico de Tschumi. Se esse mesmo gesto se expandisse pelo Vale do Anhangabaú, poderíamos imaginar um traçado-jardim que reconfigurasse sua superfície plana em um campo de percursos imprevistos, abertos à deriva e à permanência. Nesse jogo de superfícies, o centro de São Paulo sugere além de planos pavimentados de uso transitório, mas potenciais cenários de experimentação urbana, onde as conexões verdes entre praças, lajes e jardins poderiam constituir uma rede contínua de encontros e desvios, aproximando-se da lógica aberta e fragmentada do parque parisiense.

A “moldura” física do La Villette inexiste, a integração espacial do parque com a cidade é ampla, aparentemente sem restrições. Não há entradas e saídas, os dois *portes* (portões, portas de acesso), de Pantin e de La Villette, duas estações de metrô nas extremidades norte e sul do parque, guardam apenas no nome a menção ao fechamento, à limitação. (Guatelli, 2017)

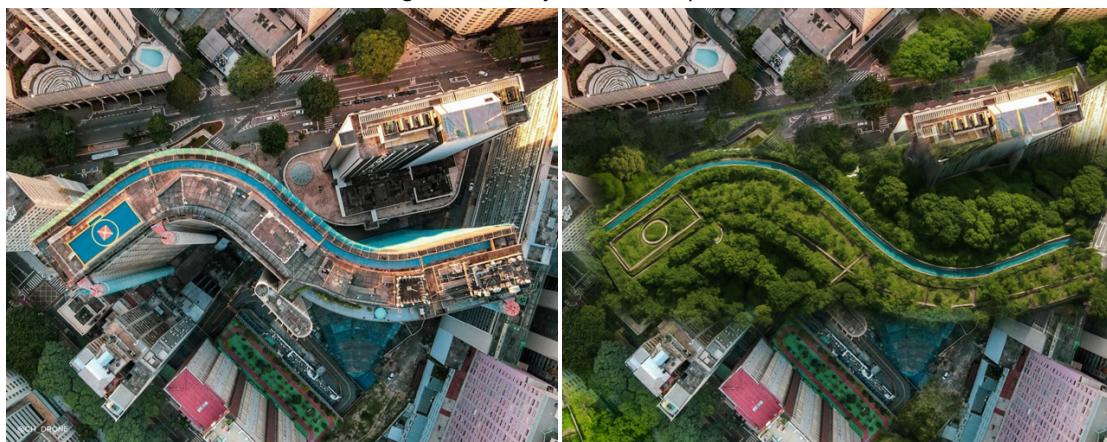
No centro paulistano, algo semelhante poderia ser lido no eixo da Praça da República à Praça do Patriarca. Um percurso decisivo, que articula dois vazios simbólicos do centro, duas superfícies, por meio de fluxos contínuos. Se, no La Villette, os acessos por metrô funcionam



como portas de entrada diluídas na malha do parque, em São Paulo essa linha tensiona a superfície: as praças tornam-se respiros urbanos atravessados por deslocamentos diários, pontos de condensação que, ao mesmo tempo, limitam e expandem a experiência do espaço público. Um paralelo possível entre entradas difusas e conexões invisíveis, ambos mais insinuados do que demarcados.

Assim, o parque contemporâneo pode emergir como uma forma de cidade parqueada, um campo de mediações simbióticas entre natureza e cultura, edificação e paisagem, *ergon* e *parergon*. No centro, podemos entrever essa condição como hipótese aberta: uma paisagem feita de vazios contidos e ao mesmo tempo da possibilidade de sua deslimitação, como se pudessem contaminar a malha urbana. Um verde que, por vezes se mantém circunscrito, e em outras parece extrapolar seus próprios limites. Um território que mais do que configurado como parque, eventualmente se ofereça como trama em permanente reinscrição e transfigurações da cidade em parque e do parque em cidade.

Figura 2 – Verdejamento do Copan.



Fonte: Fotomontagem autoral de Milena Montebello (2025).

A malha do La Villette, ao sobrepor pontos, linhas e superfícies, num mesmo campo projetual, instaura, além de uma ordenação geométrica, uma matriz de relações possíveis, como um dispositivo de atravessamentos que abre a experiência urbana ao inesperado. No centro paulistano, sua leitura como palimpsesto perpassa ecos semelhantes: uma malha latente, feita de conexões invisíveis, rastros históricos e fluxos cotidianos. Uma rede que não se fecha em contorno e se reinscreve no tempo, como se a própria cidade pudesse ser pensada enquanto parque difuso, extrapolando seus limites e estendida em qualquer direção possibilitando novas dinâmicas.

Ao invés de delimitar um dentro e um fora da cidade, o parqueamento se oferece como dispositivo interpretativo: um modo de ativar o que já está dado, mas permanece oculto, contido, insuficiente, reprimido. E se esses momentos parqueados do centro da cidade se



alastrassem pelas linhas e superfícies do centro da cidade, hoje ocupadas por calçadões, vazios desérticos (Vale do Anhangabaú) e grandes lajes de coberturas?

A partir da lógica projetual do Parc de La Villette, que substitui a composição tradicional pela montagem disjuntiva de elementos autônomos, propõe-se uma leitura do centro histórico de São Paulo como território não resolvido, mas permanente lugar de inscrições. O parque, nesse contexto, deixa de ser tipologia e aproxima-se de linguagem crítica. Ao invés de delimitar um dentro e um fora da cidade, o parqueamento se oferece como dispositivo interpretativo: um modo de ativar o que já está dado, mas que permanece oculto.

Essa hipótese parte da noção de que o centro de São Paulo pode ser relido como campo instável de forças, narrativas e resistências. Nesse exercício, se apresenta não como conjunto orgânico ou contínuo, mas como campo de fragmentos justapostos. Os vazios e os traços temporais são quase que operativos; os fluxos interrompidos, legíveis e os rastros, reativáveis.

## 5 CONCLUSÕES

A cidade, nesse enquadramento, parece aproximar-se da noção de palco urbano, mas não estável. Seria, antes, um palco que se monta e desmonta em fragmentos, onde cada recorte de território poderia insinuar-se como superfície de acontecimentos. Não se trata de afirmar que já o seja, mas de reinterpretar. Assim como no La Villette, onde a arquitetura se abre à produção de sentido, o centro paulistano parece conter espacialidades que sobrevivem por sua ambiguidade, por sua capacidade de suspender, ainda que por instantes, a lógica utilitária da cidade. O parque, se é que se possa chamá-lo assim, talvez ainda não esteja lá, mas se manifeste em rastros, em enunciações dispersas, em sinais quase apagados, que poderiam ser potencializados como devir-parque. O parqueamento, nesse sentido, não estaria dado, mas insinuado, esperando um olhar e uma abordagem capazes de recompor suas linhas e ativar seus planos a partir do que já existe.

Em 1861, o reconhecimento dos benefícios da interação entre cidade e natureza levou à implementação de uma política de proteção florestal. No entanto, há muitas tensões. Na busca por novos paradigmas de gestão ambiental, a floresta surge como um espaço de exercício da cidadania, onde os usuários também são atores na proteção e valorização da natureza no coração da cidade. (Rochard, 2023, p.1, *tradução nossa*)

Pode-se ler que o Parc de La Villette se compõe a partir da tensão entre *ergon* e *parergon* ou entre a obra e seus excessos, seus ornamentos, entre o previsto e o excedente. Ao aproximar essa leitura ao centro de São Paulo, acentua-se que as camadas de tempo, os apagamentos históricos, os rios encobertos e os edifícios obsoletos não são resíduos, mas dispositivos críticos. São formas que excedem sua própria condição funcional e permanecem em estado de espera, *parergons* urbanos que, ao se destacarem do plano geral, tornam-se ferramentas de leitura.



Como a cidade contemporânea, o Parc de La Villette seria uma tipologia de parque baseada na acumulação, promiscuidade interativa, onde, o que importa não é o desenho, mas a quantidade de situações justapostas e superpostas; tal como a cidade, não mais um contexto ou texto legíveis, mas intertextualidades. O que interessa é que se almeja não o todo harmônico e coerente, mas o conflito intertextual, condição histórica da cidade. (Guatelli, 2017)

O parqueamento, aqui, não se desenha com linhas precisas, mas se insinua como escuta. Possivelmente seja nesse intervalo que o centro possa ser pressentido como parque: não um equipamento, mas uma linguagem, um campo de montagem crítica e de fabulação urbana, onde estranhar o que se vê se torna condição para vislumbrar um outro centro.

O parque como *ergon* inicia-se já como um *parergon*, com um além da-obra na obra, expresso pela associação de um programa de atividades culturais e tecnológicas à ideia de parque. Ele nasce como um suplemento da visão de parque, um parque pensado como extensão da cidade, um parque como superação e manutenção (*Aufhebung*) da ideia de parque, ao mesmo tempo. A visão histórica de parque, como porção de “natureza” dentro da cidade daria lugar à uma nova aliança natureza/cidade. O parque passaria a conter (e ser) uma extensão da cidade e não o inverso. Aliás, como poderia o parque ser completamente um outro em relação a cidade se ele já surge amalgamado a ela? (Guatelli, 2017)

Um exemplo eloquente de como essa natureza ou construção de verde pode reconfigurar a relação entre objeto construído e paisagem é o caso do **navio SS Ayrfield**, encalhado na Baía de Homebush, na Austrália. Construído em 1911 e utilizado durante a Segunda Guerra Mundial para transporte de suprimentos, foi abandonado em 1972 após o desmonte de estaleiros na região. Desde então, sua estrutura passou a ser tomada por manguezais e outras espécies, transformando-se em uma “ilha flutuante” de vegetação, conhecida como *“The Floating Forest”*. Nele, o acaso do crescimento espontâneo converteu uma carcaça industrial em lugar simbólico, testemunho da força regenerativa da natureza e de sua capacidade de atribuir novos sentidos a ruínas urbanas e industriais.



Figura 3 – Fotografia de Douglas Gimesy do Casco do SS Ayrfield, atracado na Baía de Homebush, Austrália.



Fonte: International Photography Awards (2014).

Em um outro registro, tem-se a intervenção “*Forest of Lines*”, concebida pelo artista francês **Pierre Huyghe** em 2008 para a Bienal de Sydney. O projeto ocupou o interior da *Sydney Opera House* com uma floresta temporária, composta por centenas de árvores e plantas vivas. A ação subverteu o espaço icônico da arquitetura moderna de **Jørn Utzon**, instaurando dentro de sua monumentalidade construída um ambiente orgânico, efêmero e instável. Diferentemente do SS *Ayrfield*, em que o verde surge de modo imprevisto e não programado, a obra de Huyghe propõe deliberadamente a inserção do vegetal como gesto crítico, desestabilizando a percepção e a funcionalidade do edifício.



Figura 4 – “Forest of Lines” de Pierre Huyghe.



Fonte: 16ª Bienal de Sidney (2008).

Esses dois exemplos, ainda que opostos em origem, sendo um pelo abandono e pelo tempo, outro pela arte e pela intenção, convergem para a reflexão sobre arborização e florestas urbanas. Tanto no navio tomado pelo mangue quanto na floresta instaurada no interior de um ícone arquitetônico, o verde atua como agente de reinscrição espacial, reprogramando sentidos, temporalidades e formas de habitar. É nesse horizonte que a intertextualidade entre o Parc de La Villette e o centro de São Paulo se constrói, pensar o verde como dispositivo ativo de parqueamento, capaz de revelar nas preexistências urbanas novas potências de vida, memória e imaginação. Pensá-lo como parque não é propor seu adensamento de vegetação ou a inserção de novos dispositivos de lazer. É, antes, experimentar uma disjunção, uma ruptura com a normatividade dos usos e com a previsibilidade das formas. Seria ensaiar uma fabulação, uma experiência que ultrapassa o dado utilitário e se aproxima do lúdico. Talvez o gesto de parquear seja, antes, o de olhar de modo oblíquo, até que as superfícies conhecidas se desloquem e deixem entrever cenários que, embora sempre ali, permaneciam invisíveis.

O parque é uma ficção: narrativa espacial feita de restos, fluxos subterrâneos, rastros e lampejos de acontecimentos. Parquear a cidade, nesse sentido, é ativar suas zonas de indiscernibilidade e invenção. Sugere-se um ousado exercício de leitura onde cada praça vazia pode ser um ponto de inflexão, que cada rio soterrado pode redesenhar uma linha de percurso ou que cada marquise pode operar como superfície instável de permanência e encontro. O gesto não se limita a ordenar a cidade, mas a insinuar novas possibilidades para uma ação imaginativa,



como se um delírio atravessasse a malha urbana e a transformasse em parque suplementar, simultaneamente real e imaginado.

O centro da cidade torna-se, então, um parque para o estranhamento; feito de eventos latentes, que escapa à totalidade e resiste à pacificação funcional. A reflexão, aqui entendida como montagem, não se ocupa de ordenar, mas de permitir o entrechoque de camadas. Pensar o centro como parque é acolher que ele já contém, em estado latente, a gramática de pontos, linhas e superfícies que configuram um território de montagem crítica. Não se trata de acrescentar natureza ou implantar programas, mas de reconhecer e ativar quem e o que já vibra sob as camadas históricas. Conforme o artigo “*La forêt au cœur de la ville: Le parc national de Tijuca, Rio de Janeiro*”, “a floresta é um lugar de exercício da cidadania onde os usuários também são atores na proteção e valorização da natureza no centro da cidade” (Rochard, 2023, p.2, *tradução nossa*).

Tal como no Parc de La Villette, onde a arquitetura é vetor de sentido mais que de função, o centro pode ser lido como um palimpsesto *parergonal*: um conjunto de excessos, restos e interstícios que, longe de fragilizá-lo, podem constituí-lo potência de porvir urbano. Parquear, nesse contexto, é deslocar o olhar, reescrever, permitir que o espaço fale nas suas disjunções e sobreposições. E, se nos indagamos, “e se o centro de São Paulo fosse uma cidade parqueada?” a resposta, talvez, não seja um projeto urbano a realizar, mas um modo de ver e pensar o impensável. Um exercício possível de fabulação urbana, onde a cidade é simultaneamente palco e bastidor, obra e suplemento, memória, ficção e chance de ser outro já sendo em latência. Um parqueamento urbano a ser escrito em tempo real e aberto à reinvenção contínua.



### 6 REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO

BOUTAULT, Fabrice; TOZZI, Pascal; ARNAUD, Lionel. *Plantons des micro-forêts urbaines: nouveau récit d'action publique et coproduction citoyenne d'une solution fondée sur la nature à Paris*. Développement durable et territoires, [S.I.], v. 13, n. 3, 2022. Disponível em: <https://hal.science/hal-03907243/document>. Acesso em: 20 set. 2025.

CARVALHO, Márcia Maria de. *La forêt au cœur de la ville : l'exemple de la forêt de Tijuca à Rio de Janeiro*. Géographie et cultures, [S.I.], n. 90, p. 27-42, 2014. Disponível em: <https://journals.openedition.org/gc/2311>. Acesso em: 20 set. 2025.

DERRIDA, Jacques. **A escritura e a diferença**. São Paulo: Perspectiva, 2005.

DERRIDA, Jacques. **La vérité en peinture**. Paris: Flammarion, 1978.

DERRIDA, Jacques. **Margens da filosofia**. Campinas: Papirus, 1991.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **Tables de montage: ressentir, recueillir, raconter**. Hérouville Saint-Clair: Éditions de la Maison Européenne de la Photographie; Frac Normandie, 2023.

GUATELLI, Igor. "Edificar parques. O [parergonal] Parc de La Villette e o futuro do passado." **Arquitextos**. São Paulo, ano 18, n. 208.01.

GUATELLI, Igor. **Entre-lugares: arquitetura, cidade e outras margens**. São Paulo: Romano Guerra, 2019.

TSCHUMI, Bernard. **Architecture and disjunction**. Cambridge, MA: The MIT Press, 1994.

TSCHUMI, Bernard. **Cinégramme folie: le Parc de la Villette**. Princeton: Princeton Architectural Press, 1987.



---

### DECLARAÇÕES

---

#### CONTRIBUIÇÃO DE CADA AUTOR

A concepção e o design do estudo foram conduzidos pelo Prof. Dr. Igor Guatelli, da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Presbiteriana Mackenzie, responsável pela proposição da ideia central e pela definição dos objetivos e da metodologia. A curadoria de dados esteve a cargo de Milena Montebello, arquiteta e urbanista, mestrandna na mesma instituição, que organizou e verificou o material utilizado. A análise formal e a elaboração do ensaio intertextual foram realizadas de forma conjunta pelos dois autores, que também compartilharam as atividades de investigação e o desenvolvimento da metodologia. A redação do rascunho inicial do manuscrito foi elaborada por Milena Montebello, enquanto a revisão crítica, voltada à clareza e à consistência acadêmica do texto, foi conduzida por Igor Guatelli. A versão final, incluindo ajustes e adequações às normas editoriais, foi preparada por Milena Montebello. A supervisão geral do estudo, assegurando sua qualidade acadêmica, foi exercida por Igor Guatelli. Ressalta-se que este artigo não contou com financiamento específico.

---

#### DECLARAÇÃO DE CONFLITOS DE INTERESSE

Nós, **Igor Guatelli e Milena Montebello**, declaramos que o manuscrito intitulado "**Contratempos Urbanos: São Paulo cidade parqueada**":

- Vínculos Financeiros:** Não possuímos vínculos financeiros que possam influenciar os resultados ou interpretação do trabalho, nenhuma instituição ou entidade financiadora esteve envolvida no desenvolvimento deste estudo.
  - Relações Profissionais:** Não possuímos relações profissionais que possam impactar na análise, interpretação ou apresentação dos resultados, nenhuma relação profissional relevante ao conteúdo deste manuscrito foi estabelecida.
  - Conflitos Pessoais:** Não possuímos conflitos de interesse pessoais relacionados ao conteúdo do manuscrito, nenhum conflito relacionado foi identificado.
-